



Os Newmans

CONHEÇA A FAMÍLIA FAVORITA DA TV AMERICANA.

IMACULADA. PERFEITA.

ATÉ AS CÂMARAS SE DESLIGAREM...

JENNIFER NIVEN



*Para o tio Bill, que chegou quando mais precisámos dele,
munido de um amor incondicional e de muita sabedoria.*

Por exemplo:

*«Um livro não deve ser tão longo ou grande que tenha
de ser transportado num carrinho de mão.»*

*«Se te aborreceres a escrever algo, o mais provável
é que as pessoas se aborreçam a lê-lo.»*

*«Não repitas as mesmas palavras demasiadas
vezes, senão irritas o leitor.»*

E para as famílias que escolhemos.

Pois, não somos propriamente a família ideal.

HERBERT I. «HI» McDUNNOUGH,
Arizona Júnior

PRÓLOGO

20 de março de 1964

Na noite em que o mundo, tal como o conhecia, chegou ao fim, Dinah Newman estava junto ao fogão da cozinha em Toluca Lake a olhar para os restos carbonizados de costeletas de porco. Estava a correr tudo bem até tentar fazer a cobertura de ananás e molho de soja. De alguma forma, pegara fogo, deixando o fundo da panela preto e pegajoso como um derramamento catastrófico de petróleo. Como o de janeiro passado, em que treze milhões de litros inundaram o rio Mississípi e todos os patos tiveram de ser resgatados e limpos.

Dinah tirou a frigideira do fogão, levou-a até ao caixote do lixo e descartou tudo — frigideira e conteúdo — lá para dentro. Era péssima cozinheira. Normalmente era Flora Klausen, a sua empregada de longa data, que fazia o jantar, mas nessa noite Dinah quisera prepará-lo. Era uma surpresa para o marido, Del.

A cozinha estava forrada com prateleiras de livros de culinária, a maior parte presentes de Del e dos filhos ou de fãs bem-intencionadas que supunham que Dinah iria gostar de ler sobre a origem dos rolos de fiambre ou sobre o que servir com uns ovos cremosos ou como solidificar a gelatina do *corned beef* sem que perdesse a forma. Afinal, era incompreensível que a cozinheira mais famosa da América, a porta-voz dos eletrodomésticos *Hotpoint* e dos utensílios de cozinha *Pyrex*, não conseguisse alimentar a família.

Nessa noite, porém, queria mostrar ao marido que estava a fazer um esforço, não em relação ao jantar, mas em relação a *eles*. Infelizmente, carne de porco agri-doce carbonizada não iria salvar o seu casamento. Teria de arranjar outra coisa.

Um som vindo do exterior distraiu-a. O zumbido baixo de mosquito de um cortador de relva. Olhou para o caixote do lixo, para a frigideira destruída, arrancou o avental e subiu as escadas.

Da janela aberta do seu quarto, observou o vizinho a cortar a relva. Conseguia vê-lo por cima do muro da casa deles. Ted ou Tad, não se lembrava, porque não era alguém por quem pudesse sentir-se atraída na vida real. Mas ali? Nos subúrbios de Los Angeles? Aonde ela acabara por ir parar? Imaginou-se a caminhar resolutamente até à casa dele, a agarrá-lo pelo colarinho do polo, a puxá-lo para o relvado acabado de cortar e a montá-lo como, enfim, um cortador de relva.

Não importava que ele não tivesse nada que cortar a relva ao anoitecer. Durante a última semana — desde o seu quadragésimo segundo aniversário —, Dinah passava todas as noites naquele mesmo sítio, a fumar um cigarro clandestino, a ver aquele homem a tratar do jardim e das tarefas domésticas, a imaginar o mesmo caso tórrido. Nunca o faria, obviamente. Nunca fizera sexo num lugar público, a menos que contasse com o banco de trás do carro de Del quando eram novos e não conseguiam tirar as mãos de cima um do outro, antes de os filhos terem nascido. Além disso, estava casada com o único homem que alguma vez amara, um homem que ainda amava — para o bem e para o mal —, passados vinte e três anos.

No entanto, ali estava ela. E ali estava ele. Ted ou Tad. Enquanto se imaginava a aproximar-se dele no relvado meio aparrado, a oferecer-lhe uma bebida fresca, a limpar-lhe a testa suada com a mão, a rebolar pela relva nos braços dele, com as suas articulações de meia-idade a crepitar e a estalar, só conseguia pensar que *esse ato seria o suficiente para dar cabo de tudo*.

Conseguia visualizá-lo. O olhar de surpresa na cara dele. Seguido do olhar de puro prazer animalesco. Seguido de uma fotografia granulada e desfocada dos dois escarrapachada nas primeiras páginas dos jornais e revistas de mexericos, tirada por um *paparazzo* particularmente furtivo. Línguas incansáveis por todo o país, toda a gente em pé de guerra com o escândalo. Del e os rapazes incrédulos. Toda a gente incrédula. A *Dinah Newman* não.

Maravilhou-se com a ideia. Em boa verdade, deixava-a entusiasmada. Como um movimento numa direção diferente — para a esquerda em vez de para a direita, para trás em vez de para a frente, não em vez de sim — podia mudar uma vida para sempre.

E então, porque a Dinah Newman de hoje, estrela de um dos programas televisivos mais famosos da América, tinha mais do que alguma vez imaginara quando era uma criança com os joelhos esfolados e uma imaginação do tamanho do Texas e porque a ideia de dar cabo de todo o seu mundo era chocante e hilariante, riu-se. Ninguém a estava a ver, portanto atirou a cabeça para trás e desatou a rir. Isso, teria dito o pai, era o lado Shepherd que existia nela, os genes passados pela família da mãe, responsáveis por qualquer indício de instabilidade emocional ou mental em Dinah. «O lado da tua mãe», dissera-lhe o pai sinistramente, em mais de uma ocasião, «tem tendência para a histeria.»

O estrondo da porta da frente a bater sobressaltou-a. O filho mais novo estava a chegar a casa ou a sair. Hoje em dia, havia demasiadas hipóteses tanto de uma coisa como da outra, e ela deixara há muito de tentar manter-se a par. Apagou o cigarro e atirou-o para os arbustos lá em baixo.

— Shep?

Não houve resposta.

Ouviu passos a subir as escadas das traseiras e depois, do fundo do corredor, uma voz masculina, uma conversa unilateral. Perguntou-se com quem estaria ele a falar. O pai dela era do tipo de ficar a ouvir os telefonemas, mas Dinah jurara amar os filhos

sem interferir. O que era fácil de praticar com Guy era mais complicado com Shep, porque, aos dezassete anos, ele era mais astuto do que o irmão mais velho alguma vez fora.

Como naquela vez em que tinham encontrado uma rapariga nua na sua cama. «Nunca disseste que eu não podia convidar alguém para passar cá a noite.» Ou a vez em que não voltara para casa uma noite e eles tinham ligado para os hospitais e para a polícia, até que Del o descobrira de manhã inconsciente no relvado. «Voltei antes da hora combinada. Nunca especificaste que eu tinha de entrar.» Nessa altura, andava a consumir o LSD que o psiquiatra receitara a Del para o ajudar a ultrapassar um impasse criativo. «Se o temos cá em casa e foi receitado por um médico, como pode fazer mal?»

Era o tipo de coisas com que tinham de lidar. Shepherd Newman era o mestre dos subterfúgios. Guy, quatro anos mais velho, fora mais fácil, continuava a ser mais fácil. Fora sempre o fiável e autossuficiente, aquele com quem nunca tinham de se preocupar.

Lá fora, a noite ficou subitamente tranquila. O vizinho estava sentado em cima do cortador de relva silencioso, a olhar para a rua. Do seu lugar à janela, Dinah acendeu outro cigarro, esquecendo-se momentaneamente do filho.

Porquê ele?, diriam os jornais de mexericos. *Porquê o Tad? O que tinha ele para a fazer dar cabo da sua vida?*

Desatou a rir novamente. De algum lugar da casa, abriu-se outra porta, ou fechou-se, e Dinah divisou a figura do filho mais novo a atravessar o quintal. Desapareceu na escuridão e, segundos depois, ouviu-se o ronco de um motor, e a sua moto arrancou, a rugir.

Embora três membros da família Newman vivessem debaixo do mesmo teto e o quarto — Guy — habitasse a casa de hóspedes vizinha, todos tinham vidas separadas longe das câmaras. Especialmente Shep, porque não era alguém que se pudesse manter fechado. Tinha dezassete anos, quase dezoito agora, o que significava que Guy tinha, o quê, vinte e dois? Seria possível?

O que significava — fez rapidamente as contas — que afinal não fizera quarenta e dois anos. Fizera e *três*. Era uma constatação perturbadora, e os olhos de Dinah, ainda húmidos de tanto rir, ficaram subitamente secos. Olhou para a fina faixa de ouro no pulso, o relógio que Del lhe comprara no primeiro aniversário de casamento porque ela chegava quase sempre atrasada. Eram quase oito horas.

Às oito e meia, vinte milhões de telespectadores americanos iriam reunir-se diante dos seus televisores e assistir às peripécias da sua família preferida. Todas as sextas-feiras à noite, independentemente do que estivesse a acontecer nas suas vidas, Dinah e Del viam o programa juntos depois do jantar. Em tempos, os rapazes juntavam-se a eles.

Agora, ela fazia-o sozinha, com um olho no televisor *RCA Victor* e o outro na janela que dava para a garagem. No ecrã, a porta da casa dos Newmans abriu-se e, sob a voz do locutor — «A Eastman Kodak Company e a Listerine têm o prazer de o convidar para *Os Newmans!*» —, Del, Dinah, Guy e Shep surgiram, de braços dados, a sorrir para a câmara. A música aumentou de volume e o episódio começou, com Dinah — de saltos altos, vestido e pérolas de marca — entretida nas suas tarefas matinais.

Era o episódio em que Del escreve uma coluna para o jornal local e acaba por revelar segredos da família. Seguia uma fórmula familiar, a que Del chamava «o método tradicional e comprovado». Del cria, sem querer, problemas a Guy e Shep e, muitas vezes, a si próprio. Dinah oferece conselhos e refeições caseiras.

Vinte e oito minutos depois, o espetáculo chegava ao fim, como sempre, com uma canção de Shep, ao que se seguiam os créditos. *Escrito por Del Newman. Realizado por Del Newman. Produzido por Del Newman. Protagonizado por Del Newman.* Dinah desligou a televisão e caminhou descalça pela casa vazia, acendendo as luzes à medida que avançava, porque a faziam sentir-se menos sozinha.

Às dez horas, sentou-se na sala de estar, de onde conseguia ver a porta da frente. A sua segunda tentativa de jantar — um frango assado que estava simultaneamente seco e emborrachado — encontrava-se em cima da mesa da cozinha, a arrefecer.

És ridícula, disse para si própria. *À espera de que o Del chegue a casa como se as câmaras estivessem a filmar*. Mas continuou ali sentada, a irradiar de raiva, até conseguir sentir o calor a emanar da sua pele e pelo topo da cabeça.

Obrigou-se a pensar porque estava tão zangada. Para começar, ele deveria estar ali e não estava. Mas era mais do que isso. No ano anterior, Del e Dinah tinham deixado de falar um *com* o outro e começaram a falar um *contra* o outro. Tolamente, Dinah fora apanhada de surpresa. Quando Del chegou aos quarenta e quatro anos sem qualquer indício de crise de meia-idade, ela felicitara-se a si própria. Tinham conseguido passar incólumes por um dos momentos mais complicados do casamento.

Contudo, três meses antes, ele fizera quarenta e cinco anos, e, com o aparecimento de novos cabelos brancos, chegou um Del que ela não reconhecia. O marido, caloroso e intrometido, sempre disponível para os orientar — mesmo quando não o pediam —, começou a falar mal com ela e com os rapazes, a refugiar-se no escritório, por cima da garagem, e a isolar-se.

No início, era uma ou duas noites — adormecia no sofá-cama em frente à secretária. Dinah não lhe deu importância. Estava habituada a ir para a cama enquanto ele ficava acordado e a trabalhar. Depois, começou a ser mais do que uma noite ou duas, e depois um mês, e depois, a dada altura, Del mudou-se para o escritório e nunca falaram sobre isso. Continuaram a fazer o programa, a viver as suas vidas como de costume. A única mudança era que — sem que ninguém soubesse, nem mesmo os filhos — o casal favorito dos americanos estava agora a dormir em quartos separados. O que era irónico, uma vez que, antes de Del e Dinah, todos os casais da televisão dormiam em camas separadas.

Por isso, sim, Dinah estava zangada. No mínimo, o marido deveria estar em casa quando era esperado. Não estariam certamente *assim tão* mal. Também estava zangada porque esperar daquela maneira a fazia sentir-se estúpida. E porque, por trás da raiva, tinha um sentimento de grande expectativa. Expectativa, não. Preocupação. Del nunca se atrasava.

Levantou-se e serviu-se de um copo de vinho. Levou-o para a sala de estar quando o relógio de pêndulo deu as dez e meia. Depois as onze.

Espreitou pela janela, afastando as cortinas, embora dali não conseguisse ver para lá do muro que rodeava a casa, o muro que haviam construído para proteger Shep — e a si próprios — dos carros cheios de raparigas que passavam por ali dia e noite, a buzinar e a gritar e a tentar entrar.

Suspirou. Olhou para o relógio. Voltou a sentar-se. Voltou a levantar-se. Foi até lá fora. Voltou a entrar.

Quando o relógio de pêndulo deu a meia-noite, telefonou para o estúdio, mas ninguém atendeu. Pensou em telefonar a Guy, na casa de hóspedes do outro lado do relvado, mas não havia luz nas janelas e ela não queria alarmá-lo quando Del iria certamente entrar a qualquer momento, a assobiar, sem dúvida com uma história para contar.

Voltou a sentar-se, pegou num livro e ficou a olhar para a página sem ler. Ninguém a preparara para o casamento. Nos filmes e nos contos de fadas, o desafio era encontrarmos a pessoa para quem estávamos destinados neste grande mundo, mas, quando a encontrávamos, o «felizes para sempre» era garantido. Ninguém dizia: *Oh, isso é só o início*. Porque é que ninguém lhe tinha dito a verdade?

O telefone tocou, alto e estridente, e ela deu um salto na cadeira.

— Dinah — disse uma voz masculina, com uma respiração rápida e irregular.

— Sydney?

Sydney Weiss era o seu produtor executivo e amigo de longa data. Não se lembrava de alguma vez lhe ter telefonado tão tarde. O seu primeiro pensamento foi que algo acontecera aos rapazes. Um instinto de mãe.

— Dinah — disse Sydney. — É o Del. Houve um acidente.

A renovação

The New York Times

19 DE MARÇO DE 1964

Querida CBS: Sei quem são os Newmans, obrigado, e eles abusaram da hospitalidade

por Walter Kerr

Durante os últimos vinte anos, os Newmans da vida real — o Del, a Dinah e os seus filhos Guy e Shep — dominaram as emissões como «A Família Preferida da América», primeiro na rádio CBS e depois na televisão. Desde o início, o patriarca Del tem sido o motor criativo por trás do programa, montando-o em torno da sua simpática família e das situações cândidas e bem-humoradas em que se encontram — o Del fica trancado fora de casa, de pijama! A Dinah tem de preparar uma festa com uma hora de antecedência! O Guy compra um carro novo e esconde-o do pai! O Shep tem dois pares para o mesmo baile!

O que funcionava em 1952, quando a série estreou na televisão, não funciona (de todo) em 1964. As situações — desprezensas e inofensivas — permanecem praticamente as mesmas há doze anos. O Del continua a convidar-nos a rir com ele de si próprio, dando-nos simultaneamente uma lição gentil sobre a virtude e fazer boas ações. A Dinah, como esposa dedicada, apoia infalivelmente esta mensagem e o marido. Por seu turno, os rapazes são educados e bem-apresentados e nunca dão grandes preocupações aos pais.

Contudo — como canta Bob Dylan —, os tempos estão a mudar, e, no rescaldo do assassinato de JFK, o universo a preto-e-branco da família Newman surge como retrógrado e desatualizado. São uma cápsula do tempo de um mundo

que talvez nunca tenha existido verdadeiramente, exceto nas mentes dos executivos do entretenimento.

Os Newmans nunca foi um programa revolucionário. Nem mudou o mundo para melhor. Percebo que se trata apenas de entretenimento, que — pode argumentar-se — é meramente um exemplo do que nos aflige, e não o problema real. Mas, na minha opinião, esse é o problema.

Por isso, CBS, chegamos ao meu apelo.

Deixem o Del fazer o papel dele próprio — o ditador astuto e trabalhador que lidera há vinte anos um negócio próspero. Deixem a Dinah perder as estribeiras — de certeza que está farta de salvar o marido e os filhos de sarilhos. Deem ao Guy *algo* para fazer além de casar, ter filhos, seguir as pegadas do pai. Deixem-no ser engraçado ou ter inveja do sucesso do irmão mais novo, ou ambos. E libertem o Shep.

Ou admitam que está na altura de conceder a reforma a *Os Newmans*. Mandem o Del e a Dinah juntar-se ao Fibber McGee e à Molly, ao Jim e à Margaret Anderson, ao Ward e à June Cleaver e a todos os outros que vieram antes e que, desde então, se desvaneceram numa memória calorosa de tempos mais simples. E, já agora, acabem com o sofrimento do Guy. O Shep pode continuar a gravar discos, a fazer digressões, a aparecer na televisão num veículo diferente, desde que isso reflita os tempos em que vive. O miúdo é demasiado novo para ser de meia-idade.

Mas, por favor, tirem os Newmans, tal como os conhecemos, das nossas casas. Deixem a família mais estranha da América desaparecer na obscuridade, que é onde deve estar.

1

19 de março de 1964

Vinte e quatro horas antes

O telegrama chegou quando Del estava de saída. Fora-lhe entregue por Larry, o segurança, que o trouxera de Sharon, na recepção. Toda a sua vida, Del fizera amigos facilmente e com toda a gente. A CBS Television City não era exceção. Ele não só sabia o nome das pessoas que lá trabalhavam como conhecia as respetivas famílias. Era uma das muitas coisas de que todos gostavam nele.

— Apanhei-o mesmo a tempo — disse Larry, entregando o envelope a Del. — O que vai ser hoje o jantar? Deixe-me adivinhar. Estrogonofe de vaca? Não, não... bife Wellington.

Larry esfregou as mãos como se estivesse à espera de um presente muito aguardado. Ele próprio tinha um casamento feliz. Uma casa bonita, uma família amorosa. Não invejava essas coisas a Del. O que invejava era a lendária habilidade culinária de Dinah Newman, a mais preeminente dona de casa da América. Ele e a mulher dividiam as tarefas culinárias, o que significava que comiam muitas carnes frias e sandes.

— É surpresa — disse Del, e exibiu o sorriso que exibia desde criança, aquele que lhe era tão natural como respirar. Não mencionou que comia bife quase todas as noites, que a empregada, e não Dinah, o cozinhava exatamente como ele gostava: malpassado, apenas com uma pitada de sal e pimenta.

Del claramente não se casara com Dinah pelos seus cozinhados. Apaixonara-se pelo seu riso, pela forma como ela o desafiava

e dizia o que pensava e o obrigava a descontraí-la sempre que ele se levava demasiado a sério — o que, infelizmente, era frequente. Apaixonara-se pela sua ambição e pela sua vontade de se erguer e seguir em frente, pelos seus grandiosos sonhos para o futuro e pelo seu otimismo inabalável.

Já lá fora, no parque de estacionamento, meteu o telegrama no bolso da frente do casaco, onde permaneceu por abrir durante a viagem de regresso a casa. Fazia-lhe pressão sobre o peito, como se tivesse um batimento cardíaco próprio.

Mais tarde, nessa noite, depois do jantar, Del e Dinah foram para o quarto, onde ela se sentou ao toucador e aplicou um creme gordo no rosto, e ele tirou a gravata e o casaco, com cuidado para que o telegrama não escorregasse para o chão. Pendurou o casaco no armário — as suas roupas ainda viviam ali, mesmo que ele já não — e vestiu a velha camisola cor de vinho que tinha desde a faculdade, quando jogava futebol na Universidade do Sul da Califórnia. Costumava dizer com orgulho que deixara uma parte do seu coração no campo do Los Angeles Coliseum.

— O que devemos esperar da reunião de amanhã? — perguntou Dinah, inclinando-se para o espelho. Ainda era, como as revistas observavam, muito bonita. Pernas compridas, cabelo louro que sempre usara curto, nariz empinado, olhos azuis que se tornavam verdes ou cinzentos dependendo da cor da roupa que estava a usar. Faces rosadas e pele de porcelana, mais rapariga banal do que vampe. Tinha sardas durante todo o ano, que ultimamente deixara de esconder sob uma camada de base porque achava que a faziam parecer mais nova. «Um verdadeiro regalo», era como Del a descrevia sempre que contava a história de como se haviam conhecido e apaixonado. *Dantes e agora*.

Sentou-se na cama e descalçou os sapatos.

— Não sei grande coisa, exceto que o Aubrey quer falar conosco. — James T. Aubrey era o presidente da CBS Television.

— Presumo que queira discutir o novo contrato. — Instilou na voz uma confiança que não sentia.

Quando assinaram o contrato de doze anos com a CBS, o tempo estendera-se diante deles sem limites. Um contrato de doze anos era inédito na altura, um testemunho das astutas capacidades de negociação de Del, dos seus conhecimentos no mundo dos negócios e do seu charme. Agora, a um mês do fim da sua décima segunda temporada, a renovação pesava nas mentes dos quatro Newmans. Mais ainda na mente de Del, que — sem o conhecimento dos outros três — não gerira lá muito bem o dinheiro de todos.

Desde o início, assumira o controlo total do programa — produzindo, realizando, editando, atuando, escrevendo e tratando dos rendimentos dos quatro. Sabia que fora uma dor de cabeça para a CBS e para os seus patrocinadores. Ao demorar cinco dias para filmar cada episódio em vez de três. Ao não permitir que um público de estúdio assistisse às gravações. Ao pagar a um diretor de fotografia galardoado com um Óscar para rodar os episódios como se fossem um filme, usando a dispendiosa película de sessenta milímetros porque a imagem ficava mais brilhante e nítida, e era mais resistente. A estação só cedeu porque *Os Newmans* atraía trinta e cinco milhões de espectadores por semana.

Recentemente, porém, as audiências haviam descido. Na semana anterior, entre os cento e oito programas de televisão em horário nobre, tinham ficado em quadragésimo sétimo lugar. *Quadragésimo. Sétimo.* Pior, haviam sido derrotados por *Flipper*, *Lassie* e *O Meu Marciano Favorito*. Del não queria acreditar. Um golfinho, uma *collie* e um extraterrestre. Era isto que a América queria ver, em detrimento das aventuras enternecedoras de uma família amorosa interpretadas por uma família real.

— Achas que devemos ficar preocupados? — perguntou Dinah.

Ela não sabia da situação económica. Os fundos fiduciários dos rapazes estavam em grande parte intactos, mas as contas

principais, aquelas de onde os quatro retiravam o seu sustento, haviam diminuído de forma considerável. Não estavam propriamente *sem nada*, mas o montante em cada uma delas era muito inferior ao que ele julgara. Descobrira-o há três meses. Fora isso que — sem que a mulher soubesse — inspirara a sua crise de meia-idade.

Não que os Newmans tivessem um estilo de vida luxuoso. Estavam demasiado ocupados a trabalhar para fazerem férias caras. Tanto o carro dele como o de Shep haviam sido oferecidos por empresas de automóveis. E, certo, ele comprara um *Bentley S2 Continental* com volante à esquerda porque era uma edição limitada — um de apenas quarenta e nove produzidos entre 1960 e 1962. E tinha um *Rolls-Royce Phantom I* de 1931, bem como um *Rolls-Royce Phantom V* de 1964. Tinha ainda um *Porsche 550* de corrida com apenas cerca de dois mil quilómetros, um *Ferrari 500 Superfast* que não se atrevia a conduzir e um luxuoso *Facel Vega Excellence* de 1961 importado de França antes de a empresa fechar definitivamente. Era o que acontecia quando se crescia sem nada, a ir a pé para todo o lado, com pouca comida na mesa — compensava-se de grandes e pequenas formas.

Por isso, não eram só carros. Havia as outras coleções, se é que se lhes podia chamar assim — as moedas coloniais e a arte modernista. *Ephemera* das expedições ao Ártico e à Antártida, por volta de 1900, porque no seu íntimo se imaginava um explorador. Primeiras edições encadernadas em pele, guardadas numa caixa de vidro especial num dos seus dois refúgios. E instrumentos musicais únicos: uma gaita de foles irlandesa, uma harmónica de vidro — como a inventada por Ben Franklin em 1761 — e um teremim.

Depois, é claro, ajudara os empregados e, em alguns casos, as suas famílias, em mais de uma ocasião. Daquela vez em que um dos assistentes de luminotecnica caíra de um escadote — nem sequer no estúdio, mas em casa, ao instalar uma janela — e não pôde trabalhar durante cinco meses. Daquela outra em que Wendy,

do departamento artístico, precisara de um carro novo porque o namorado destruíra o dela. Caramba, até pagara a faculdade de alguns dos filhos dos empregados. Coisas que fizera sem pensar duas vezes porque estas pessoas eram como família.

Também tinha o hábito de pagar à imprensa quando um dos seus filhos — geralmente Shep — desrespeitava a cláusula da moral. E, pronto, havia os jornalistas de «notícias» — aqueles que ele mantinha a soldo, assegurando que o público só veria artigos bons e íntegros sobre Del, Dinah, Guy e Shep. Mas isso não podia ser considerado uma extravagância. Os jornalistas que lhe iam comer à mão eram, aos seus olhos, guarda-costas da reputação dos Newmans. Não se podia baixar a guarda, nem por um segundo, quando havia revistas sensacionalistas como a *Confidential* a farejar, a espalhar os podres, a destruir carreiras, sem se importarem com as vidas que arruinavam.

— Achas que devemos ficar preocupados com o contrato? — repetiu Dinah, afastando-se do espelho para olhar para ele. O creme gordo fazia-a parecer a tia-avó de Del, Ruth.

— Não — respondeu-lhe. Não fazia sentido alarmá-la. Del já estava preocupado o suficiente pelos dois. — Tanto quanto sabemos, ele só quer falar sobre o casamento. — A CBS andava a banquetear-se com o futuro casamento televisivo de Guy e Eileen Weld, que interpretava a sua namorada no ecrã. — Bem — acrescentou —, tenho de ir trabalhar no guião.

— Tenta dormir um pouco. — Ela deu-lhe um beijo de boa-noite, a sua bela mulher, mal lhe aflorando os lábios. Os seus lábios não se encontravam devidamente, aliás, há um ano ou dois, talvez mais.

Quando Dinah desapareceu na casa de banho, ele retirou o telegrama do casaco e desceu as escadas. Na cozinha, serviu-se de uma chávena de café acabado de fazer e retirou-se para o escritório. À secretária, passou as mãos pela madeira lisa e fresca. Era ali que trabalhava de manhã cedo e à noite, depois de terem

terminado. A secretária foi uma das primeiras coisas que comprou com o dinheiro que haviam ganhado com o programa de rádio, que precedera a passagem para a televisão, e era um símbolo de tudo o que fizera e de tudo o que ainda tinha de fazer.

Durante alguns segundos, deixou-se ficar a olhar em volta, para as fotografias emolduradas nas paredes, que abrangiam duas décadas, refletindo as suas carreiras na rádio e na televisão e, antes disso, os filmes em que ele e Dinah tinham brilhado, tanto separadamente como juntos, bem como os seus dias como popular cantor romântico.

Del era conhecido no ramo como um poço de energia. Uma força da natureza. Tinha a capacidade de se lembrar das várias engrenagens e rodas, do funcionamento interno do relógio complicado e intrincado que fazia funcionar cada dia. Prosperava com a agenda diária de espetáculos, o ambiente, as pessoas, todas as exigências que ele próprio chamara a si quando começaram aquela viagem.

Porém, para um homem que sempre subira as escadas de dois em dois degraus, que conseguia gerir os humores e as expectativas das pessoas que faziam parte da sua vida ao mesmo tempo que administrava um grupo de atores, uma equipa de quarenta pessoas e uma emissora, de repente sentia o peso da idade.

Bebeu um gole de café — ainda tinha horas de trabalho pela frente — e abriu o telegrama.

Preciso de te ver.

Não estava assinado, mas também não precisava. Soube imediatamente de quem era.

Depois de tantos anos de silêncio, quatro palavras curtas.

Tivera o cuidado de não revelar o endereço da sua casa. Mas, claro, encontravam-no facilmente no estúdio. Com um sobresalto, perguntou-se se teria sido entregue pessoalmente ou por um estafeta. A ideia de poder ser tão facilmente encontrado, mesmo no estúdio, onde havia uma receção e guardas de segurança por onde era preciso passar, deixou-o sem fôlego.

O seu instinto foi rasgar o telegrama, deitá-lo fora e fingir que nunca existira. Mas aquilo não era como a extorsão que pagara no ano anterior quando Shep fora fotografado a fumar marijuana. Aquilo era pessoal.

O seu último guião estava na secretária, ao lado do telegrama. O título do episódio era «Del muda a história». Ficou a olhar para ele durante muito tempo. Outrora, acreditara que o fizera, que o faria. Mas ali sentado, aos quarenta e cinco anos, com o passado de repente de volta e no seu encalço, já não tinha tanta certeza.

20 de março de 1964

Quinze horas antes

As filmagens d'*Os Newmans* eram feitas na CBS Television City, do outro lado da colina. A partir da sua rua larga e arborizada em Toluca Lake — *uma comunidade de dignidade, charme e hospitalidade* —, Dinah fez o mesmo percurso que realizara cinco dias por semana nos últimos doze anos. Virou para a estreita faixa de Laurel Canyon e subiu a colina, rumo ao céu azul.

O carro fora ideia de Del — um *Chevrolet Impala* dourado de 1962 que ele lhe comprara quando ela fez quarenta anos. Toluca Lake também fora ideia dele. Dinah ansiava pela praia — Malibu, Santa Monica, as Palisades. Queria poder ver o oceano, mesmo que nunca tivesse tempo para ir dar um mergulho. Precisava de um horizonte, algo que Shep herdara dela. Mas Del disse que Toluca Lake era mais barato. Podiam comprar uma casa maior e mais terreno. Dinah não queria mais terra. Queria o Pacífico, mesmo que fosse o oceano errado na costa errada, as praias demasiado largas e enormes, a areia dura e castanha comparada com as suas suaves praias da Carolina do Norte, de dunas brancas e macias.

Quando chegou ao cimo da colina, pensou em virar à direita para Mulholland Drive, em vez de continuar em frente pela estrada e descer pelo outro lado. Por vezes, Del seguia pela sinuosa e tortuosa Mulholland, com as suas vistas sobre a cidade e o oceano. Os rapazes gostavam de ir por lá, a conduzir demasiado depressa, mas a opção dela era mais segura. Guy conhecera em tempos uma

rapariga — fora há quatro ou cinco anos — que se despistara, precipitando-se para a morte.

Dinah continuou em frente porque era o que fazia sempre. No rescaldo do assassinato de Kennedy, quatro meses antes, dissera a si própria que fazer as mesmas coisas de sempre trazia conforto. Do que a América precisava, do que o seu povo precisava para se curar, era de um sentido de ordem, estabilidade e rotina. E, assim, ela passaria aquele dia como todos os outros, a vestir as mesmas roupas ou uma versão delas, a recitar as mesmas falas ou uma versão delas, a debater-se com as mesmas situações familiares no ecrã ou com uma versão delas, a interpretar-se a si mesma ou uma versão dela. Quase tudo na sua vida era algo que conseguia fazer de olhos fechados.

Só que naquela manhã, pela primeira vez em muito tempo, estava a quebrar a rotina. Tinha um compromisso que não mencionara a Del nem aos filhos.

O consultório do Dr. Berke ficava numa rua tranquila e arborizada de Beverly Hills, a uns bons três quilómetros da CBS, o que significava que se encontrava a uma distância suficientemente segura do estúdio e de todos os que lá trabalhavam. O Dr. Berke era o médico particular da família, aquele a que iam os quatro Newmans, porque ele entendia a necessidade de discrição quando se era a família mais famosa da América.

Quando Dinah chegou à porta do seu consultório, o próprio médico foi abri-la e acompanhou-a até à sala de exames. Como prometido, estava sozinho. Dinah acomodou-se na mesa de exames e olhou para ele com expectativa, como se tivesse sido ele a pedir-lhe para lá ir. Era um homem baixo, careca, com bigode e óculos. Gostava da cara dele. Na sua opinião, era mais bonito do que o seu vizinho, embora houvesse uma certa virilidade em Ted/Tad e no seu cortador de relva que despertara algo nela.

— Então, diga-me o que se passa — pediu-lhe ele.

— Sinto um torpor — respondeu ela, sem necessidade de rodeios. Voltou a olhar para o relógio. — Nas mãos. E no pescoço. E na canela direita. Começou há umas semanas.

Espalhara-se rapidamente, como um incêndio. Imaginou o seu corpo como uma floresta, árvores a serem derrubadas enquanto o fogo abria caminho. Uma daquelas queimadas controladas que devolve os nutrientes ao solo, não suficientemente devastadora para matar *tudo*, mas o suficiente para causar danos.

— No início — continuou —, era mais um formigueiro nos dedos, como se tivesse estado sentada em cima deles e tivessem ficado dormentes. Ainda tenho alguma sensibilidade. Não estão completamente entorpecidos. — Ouviu a nota de esperança na sua voz. Testara os pontos dormentes com uma agulha de costura, o suficiente para registar que ainda conseguia sentir dor.

O rosto do Dr. Berke manteve-se neutro.

— Está sob *stress*?

— Não — respondeu ela. — O programa está a correr bem. O Del está bem. Os rapazes estão bem.

A minha vida é perfeita.

— A minha vida é perfeita — disse em voz alta. Talvez porque, na verdade, para ser completamente sincera, não achava que fosse perfeita. Sentia um enorme vazio cavernoso algures no seu íntimo. Parecia a fome que sentira durante as duas gravidezes juntas, altura em que comera o seu peso em gelados e bolinhos *Little Debbie*.

Mas Dinah não ia dizer nada disto ao Dr. Berke, apesar de ele estar a olhar para ela como se não acreditasse no que ela lhe estava a dizer, não sobre a dormência, mas sobre a sua vida. *Porque não haveria de acreditar em mim?*, pensou ela. Qualquer mulher ficaria feliz em trocar de lugar com ela. Sabia que aquilo era um facto pelas cartas que chegavam todas as semanas ao estúdio. Enquanto os filhos recebiam montanhas de correio de raparigas enlevadas, Dinah recebia cartas de receitas, como lhes chamava.

Nelas, as suas fãs elogiavam-lhe os dotes de dona de casa, os dotes de mãe, o seu óbvio sucesso como esposa, e pediam cópias dos modelos dos seus vestidos e a receita do seu famoso bolo de café com natas azedas e canela, aquele que fazia sempre para Del e para os rapazes no programa. (Na realidade, aparecia já pronto, vindo de uma mercearia local.)

Escreviam também para lhe pedir conselhos. *Não sei como falar com a minha filha. Os meus filhos odeiam-me. Como resolvo o meu casamento? Acabei de descobrir que a minha filha está grávida/landa a beber/desistiu da escola — o que hei de fazer? Sonho em fugir dos meus filhos, do meu marido e de toda a minha vida. Acho que estou deprimida, e nada parece ajudar. Porque choro quando não há nada de errado? O que posso fazer para que o meu marido me ame como o Del a ama a si?*

E por aí fora. Tantas mulheres a precisar de ajuda.

— Tenho tudo o que sempre quis — disse ela, deixando claro para o Dr. Berke e para si própria que estava a ser sincera. — Além disso, não é só a dormência. Estou mais cansada do que o normal. E às vezes estou no estúdio, com ar condicionado, e, de repente, é como se estivesse debaixo das luzes do cenário, porque sinto um calor terrível. — Riu-se um pouco alto de mais, de forma um pouco estridente. — Um calor *terrível*.

— Que idade tem?

— Quarenta e dois. — Não se deu ao trabalho de se corrigir.

— Que idade tinha a sua mãe quando passou pela mudança de vida?

— Desculpe?

— A mudança de vida. A menopausa.

Ela estreitou os olhos para ele.

— Meno...

— Felizmente, a ciência médica está muito mais avançada atualmente. Longe vão os tempos em que acreditávamos que era um sinal de loucura, uma sentença de morte para a feminilidade.

Já não fechamos as mulheres em manicômios como se fazia na época vitoriana.

— Olhe que sorte. — *Uma sentença de morte para a feminilidade.* Não sabia quanto tempo conseguiria aguentar o sorriso. Mais um pouco e corria o risco de a sua cara se partir ao meio.

— Sim. É mesmo. — O médico esperou, como se lhe estivesse a dar a oportunidade de confessar que, na verdade, pensando bem, ela acreditava que *estava* a entrar na mudança de vida, que detetara uma rápida perda de feminilidade e frequentes surtos de mania. Não o tendo feito, ele disse: — Acho que, já que a tenho aqui, gostaria de lhe fazer umas análises. Verificar os seus sinais vitais. Certificar-me de que não há nada de grave a acontecer.

Ao ouvir aquelas palavras, o coração de Dinah palpitou. Mesmo quando começara a sentir a dormência, membro após membro a começar a atrofiar, não lhe ocorrera que poderia haver uma razão grave para isso. Cancro, esclerose múltipla, doença de Lou Gehrig, um tumor cerebral. Orgulhava-se de se considerar uma mulher prática e fundamentada, não alguém propenso a preocupar-se sem motivo, mas sentiu o chão vacilar de repente.

O médico mediu-lhe a tensão arterial e a temperatura, de seguida auscultou-lhe o coração, apalpou-lhe os gânglios linfáticos do pescoço, examinou-lhe a garganta, os ouvidos e o nariz, e depois tirou-lhe sangue, enchendo três pequenos tubos transparentes. Enquanto fazia todas essas coisas, perguntou-lhe por Del, pelos rapazes.

— O Guy está bom — disse ela distraidamente. *Poliomielite, AVC, doença de Parkinson.* — Está feliz. — Pelo menos ela julgava que estava feliz. Tentou lembrar-se da última vez que lho perguntara ou que fora à casa de hóspedes, que ele partilhava com o seu amigo Kelly Faber. Amigos desde o secundário, Guy e Kelly trabalhavam agora como atores e estavam ocupados com amigos e raparigas, e Dinah não gostava de se intrometer. — E o Shep — acrescentou com alegria. — O Shep está ótimo. — *Graças a*

Deus pelo Shep. Exceto pelo facto de *não* ir para a faculdade, porque, como ele explicara, era uma perda de tempo, visto que já era mais bem-sucedido do que a maioria dos miúdos da sua idade, e a música, e não a escola, era aquilo de que gostava. A notícia fizera Del entrar em depressão profunda. — E o Del — disse ela, um pouco desanimada, pensando nos seus quartos separados. Levantou as mãos, num gesto frouxo e sem entusiasmo. — O doutor sabe como o Del é.

— Sim — respondeu o médico, franzindo o sobrolho. — Já há algum tempo que não o vejo. Devia pedir-lhe que cá venha em breve, para ter a certeza de que anda a cuidar dele.

Enquanto o Dr. Berke escrevia algumas notas na ficha de Dinah, ela voltou a abotoar a blusa e pegou na mala. Ele prometeu ligar-lhe com os resultados das análises. Entretanto, ela deveria tentar dormir e comer devidamente, sem saltar refeições. E, se a dormência piorasse, devia voltar à consulta.

Ao caminhar rapidamente do consultório para o carro, as longas pernas de bailarina de Dinah encontraram o seu ritmo sem que ela tivesse de pedir, o ligeiro desfilar que era a sua marca registada. Um metrónomo humano. «O encanto da Dinah Newman», escreveu um jornalista, «é ser suficientemente *sexy* para que os homens reparem nela, mas não demasiado *sexy* para afastar as mulheres.»

Iria até ao estúdio e falaria com o marido antes da reunião com Aubrey, para que lhe dissesse qual era o plano de ação. Del tinha sempre um plano. E, dessa forma, ele estaria a dizer-lhe que estava tudo bem. Ela estava bem. Eles estavam bem. Não era o mesmo que falar-lhe do torpor que a fizera procurar o Dr. Berke, mas, ainda assim, seria uma espécie de garantia. E ela precisava do máximo possível de garantias. Del tinha esse tipo de autoridade. Se dizia que ia correr tudo bem, acreditava-se nele.

16 Magazine

OUTUBRO DE 1962

Os jovens Newman: Qual deles irás escolher?

Guy e Shep Newman cresceram juntos, mas não podiam ser mais diferentes. De um lado, temos o Guy. Com apenas vinte anos, louro e de ombros largos. Confiante. Alegre. Calmo. Do outro, o Shep. Apenas dezasseis anos, alto e moreno, impulsivo, apaixonado e mal-humorado. (Curiosamente, também é uma estrela de *rock and roll*.) Um sai à mãe, o outro, ao pai. Mas como decidir qual o irmão ideal para ti? Estamos aqui para ajudar!

O **Guy**, apesar de fazer o papel de irmão mais velho e sério na televisão, é, na verdade, o extrovertido da família e tem um sentido de humor fantástico.

O **Shep** é um destruidor de corações, muitas vezes com cinco namoradas ao mesmo tempo! Mas sonha com o dia em que conhecerá a jovem certa para poder assentar.

O **Guy** adora cozinhar, um talento que herdou da mãe. O seu prato preferido são almôndegas suecas, com *Baked Alaska* para a sobremesa. É muito cosmopolita!

O **Shep** sempre foi esquisito com a comida. Se pudesse, comia hambúrgueres, batatas fritas e bolachas de aveia a todas as refeições. Só não lhe peçam para comer os legumes!

O **Guy** lê frequentemente três livros por semana quando não está a fazer *surf*, esgrima ou motocrosse. Também é um trapezista experiente!

O **Shep** adora tocar música e escrever canções, rabiscando-as na parte de trás de envelopes, capas de discos e, uma vez, no trabalho de casa do Guy!

O **Guy** usa *aftershave British Sterling*, o preferido também do pai. Com notas de sândalo, hortelã e bergamota italiana, é um perfume sofisticado e refinado para um cavalheiro.

O **Shep** prefere cheirar à sua brilhantina de eleição — ou *Royal Crown* (canela, couro) ou *Black & White* (coco fresco). As mesmas marcas usadas por Johnny Cash e Elvis Presley!

O **Guy** adora raparigas inteligentes, bem-educadas e que gostem de se divertir. A sua mulher ideal é a sua amiga íntima Shelley Fabares, que interpreta Mary Stone em *The Donna Reed Show*.

O **Shep** gosta de raparigas independentes e despreocupadas que dizem o que pensam, mas ouvimos o rumor de que também tem um fraquinho pela Jayne Mansfield.

Num encontro com o **Guy**, vocês ficariam os dois aconchegados no sofá a ver um jogo de futebol (ele foi *quarterback* da Divisão I de futebol americano!) ou iriam andar a cavalo na praia, ao pôr do sol.

Em contrapartida, um encontro com o **Shep** seria uma noite inteira a dançar numa discoteca, seguida de um passeio de moto pela Pacific Coast Highway, terminando com um beijo apaixonado.

Ambos os rapazes oferecem flores à mãe, elogiam as suas roupas e reparam nos seus novos penteados. Ambos são educados, respeitadores e seguem as orientações do pai. O que mostra que ficarias bem-servida com qualquer um deles!

3

20 de março de 1964

Catorze horas antes

Do outro lado das colinas, no alto de um desfiladeiro vizinho, Juliet Dunne rebolou para fora da cama, lamentando mais uma decisão de vida. Pegou na roupa sem olhar para trás, para o corpo longo e nu esparramado de barriga para baixo na cama. O Músico era desalinhado, bonito, e estava ferido no seu âmagô, como ela. Naquele momento, sob a luz da manhã californiana, odiava-o por isso.

Felizmente, trouxera o carro, seguindo-o até ali, porque tinha um código de conduta pelo qual se regia, sendo uma das regras principais *Nunca te deixes encurralar*, o que significava poder sempre ir-se embora de um momento para o outro. Isto era especialmente importante com ele.

Ele era o famoso vocalista de uma banda muito famosa. Quando estava ali, em Los Angeles, vivia em Wonderland, nas colinas acima da Sunset Boulevard. O nome fazia-a pensar em Alice e no Coelho Branco e na Rainha Vermelha e no «Cortem-lhe a cabeça». Tinham encontrado a pequena casa juntos e vivido ali juntos, em tempos.

Sentia-se suja por alguma razão, embora não soubesse bem porquê. Fora uma decisão sua ir até ali. Trouxera o seu carro, pelo amor de Deus. Fora uma participante voluntária, sabendo perfeitamente o que aconteceria se o visse novamente. Mas a memória disso era como uma mancha que não conseguia apagar.

Lá fora, estava frio, e ela encontrava-se descalça, com demasiada pressa para sequer calçar as botas. A relva era fresca e húmida, e depois havia a gravilha, que lhe picava os pontos sensíveis dos pés.

Saiu do caminho de acesso para a estrada poeirenta lá em baixo e parou, com o motor em ponto-morto. Olhou para cima, para lá do *bungalow* e das árvores, em direção ao céu. Aquele maldito céu azul e aberto. Era uma das razões pelas quais fora para ali, vinda do Midwest, onde o céu era cinzento cinco meses por ano. Todos pensavam que fora atrás de um homem ou, pior, que seguira os seus sonhos, que sempre haviam sido demasiado grandes para a sua cidadezinha do Indiana. Mas aquele céu azul lá em cima era a verdadeira razão. Não previra o *smog* que se instalava sobre a cidade como um espesso nevoeiro castanho de ambos os lados das montanhas de Santa Monica.

Ali, em Laurel Canyon, no entanto, estava acima disso. Baixou os vidros e inspirou — a doçura exuberante do jasmim e da madressilva —, e, ao fazê-lo, a perversidade carnal da noite anterior desvaneceu-se, saindo-lhe da pele como uma névoa e desaparecendo na manhã. *Puf*. Acendeu um cigarro, inalou, fechou os olhos.

Era a primeira inalação que a satisfazia — aquela sensação de ardor nos pulmões. Depois disso, nada era tão bom. O mesmo acontecia com os homens. O primeiro toque, o primeiro beijo, a primeira queca. Nada voltava a ser tão bom. Exceto com ele. Ele era o único homem capaz de lhe prender a atenção. Juliet abriu os olhos e apagou o cigarro no cinzeiro.

Se ainda fosse a casa, chegaria atrasada ao escritório e, como uma das duas únicas repórteres femininas do *Los Angeles Times*, não podia dar-se ao luxo de não ser pontual. Os jornalistas do sexo masculino, a maior parte deles, pareciam esperar que fosse histriónica e dramática só porque era mulher. Como se estivessem ansiosos por isso para poderem dizer: *Pronto; sabíamos que era apenas uma questão de tempo.*

Encostou o carro na Hollywood Boulevard e limpou o rímel por baixo dos olhos castanhos, passando os dedos pelo cabelo, que era da cor do trigo e lhe caía, frouxo e pesado, à volta dos ombros, à exceção da franja, que apenas lhe roçava as pestanas. Encontrou o toco de um batom no fundo da mala, espalhou um pouco pelas faces e depois nos lábios. Pegou nos enormes óculos de sol que quase lhe tapavam a cara. Felizmente, no dia anterior mudara de roupa depois do trabalho e andava com um par de sapatos de salto alto de emergência na bagageira. Serviriam. Ela serviria.

O *Los Angeles Times* localizava-se num grande edifício *art déco* na esquina da First com a Spring. Ao dirigir-se para os elevadores, os saltos altos de Juliet batiam no chão de mármore do átrio. Mesmo agora, com três anos de casa, sentia-se orgulhosa por trabalhar ali. Mais do que o céu azul, o *Times* era a razão pela qual ela fora para Los Angeles, cheia de idealismo e grandes ideias.

Começara no calabouço de uma sala da correspondência — «Procura-se colaboradora: mulher», dizia o anúncio. «Boa aparência, competências úteis. Alguns conhecimentos de datilografia.» Os únicos empregos de jornalista anunciados eram para homens. Da sala da correspondência, ascendera ao grupo exclusivamente constituído por datilógrafas e depois ao gabinete de investigação como pesquisadora de factos. A cada promoção, seguiam-se susurros — deve ter dormido com alguém para ter conseguido subir na profissão.

No ano anterior, fora finalmente promovida para a secção de Estilo de Vida, anteriormente conhecida como Página Feminina — um conceito ultrapassado desenvolvido pelos jornais três décadas antes na esperança de atrair mais leitoras. Gloria Steinem defendia que os assuntos com impacto nas mulheres deviam aparecer nas primeiras páginas, por isso agora tinham a secção de Estilo de Vida. Uma secção que oferecia artigos sobre etiqueta, dicas de limpeza, conselhos de beleza, orientação conjugal e parental,

notícias de celebridades, colunas de conselhos, trocas de receitas. E, mais recentemente, uma oportunidade para falar de questões políticas relacionadas com «o sexo mais belo». Mesmo assim, ainda se escrevia relativamente pouco sobre as mulheres no *LA Times*. E a maioria dos repórteres da secção de Estilo de Vida eram homens.

Apesar disso e apesar dos sussurros, apesar do facto de lhe ser exigido que usasse batom, vestidos, meias de *nylon* e saltos de sete centímetros, e apesar das opiniões antiquadas de quase todos os homens que lá trabalhavam, Juliet adorava a redacção. O bater furioso das teclas e o clamor das vozes. O fumo do cigarro que pairava como nevoeiro sobre as cabeças dos homens que trabalhavam arduamente. O frenesim constante de atividade, sobretudo quando havia um prazo ou uma notícia importante. Os jornalistas sentados atrás de enormes secretárias de madeira, como diretores industriais. Um cinzeiro e um telefone em cada mesa. Cestos do lixo a transbordar, por baixo. Riscos no chão devido ao rolar constante das rodas das cadeiras. O cheiro a tinta. As janelas altas e o chão polido. O ângulo da luz de manhã e de novo ao fim da tarde.

A única outra mulher jornalista, Paula Goodman, estava sentada ali perto, à sua secretária mais pequena. Trabalhava no *Times* há sete anos, exclusivamente na página de Notícias Locais, e deixara claro no primeiro dia de Juliet que elas não eram, nem nunca seriam, aliadas. Ninguém sussurrava mexericos sobre Paula, que não usava maquilhagem, não socializava e raramente sorria.

No final do ano, Juliet planeava estar a trabalhar na secção de Notícias Nacionais, o que faria dela a primeira mulher do jornal a consegui-lo. Charlie Murdock, um dos editores das Notícias, dissera-lhe no seu primeiro dia: «Nunca nenhuma mulher escreveu para as Notícias e nunca nenhuma mulher o fará.» E foi por isso que ela não revelou os seus planos a ninguém. Ao invés, mantinha-os bem fechados dentro de si, uma chama eterna que era sua e só sua.

Quando não estava a escrever artigos para a secção de Estilo de Vida — «as meias com textura estão na moda nesta estação» —, andava atrás de Nick Mitchell, um editor sénior e um dos três únicos jornalistas negros na equipa.

No escritório, era a «miúda do Mitchell», porque pertencia-se ao homem com quem se trabalhava, e quase toda a gente presumia que também dormia com ele. O único que não lhe chamava isso era o próprio Nick. Ele definira regras quando começara a trabalhar no *Times* — se alguém lhe chamasse «rapaz», não respondia. Disse a Juliet em termos inequívocos: «Não és a minha miúda, és minha colega. E não espero que respondas quando te chamarem isso.»

Nick escrevia frequentemente sobre o movimento dos direitos civis, mas também sobre crime. Tinha — Juliet percebeu-o rapidamente — uma obsessão invulgar pelos porquês do homicídio, com origem no assassinio não resolvido da sua própria mãe, uma década antes.

Juliet estava agora a tomar a sua primeira chávena de café dessa manhã de sexta-feira, saboreando cada gota amarga. Bebia-o simples, como os homens, porque sabia que estava a ser observada, e até uma coisa tão inócua como a forma como tomava o café era importante. Serviu-se de uma segunda chávena e depois mergulhou na última peça de Nick.

A história era sobre um assalto à mão armada em Skid Row. Um sem-abrigo fora morto ao tentar proteger uma mulher e os filhos. A carta de condução do Minnesota encontrada em sua posse indicava que se tratava de Vincent Morrow, de cinquenta e sete anos. Juliet não podia permitir-se assimilar estes pormenores, porque tinha de se concentrar nas palavras em si, na disposição, na mecânica e sobretudo na pontuação — Nick era péssimo a pontuar. Mais tarde, quando estivesse em casa, pensaria sobre isso. Só nessa altura.

Alguém entrou a entoar os versos familiares de uma canção conhecida. «Juliet, a dormir. Na minha cama. Na minha cabeça.

É a Juliet, a dormir.» Uma pilha de páginas foi largada na sua secretária. Os outros jornalistas pareciam esquecer-se de que ela fora promovida, tratando-a como se ainda estivesse na equipa de datilografia.

— Preciso disso até ao fim do dia — disse Charlie Murdock, trinta e muitos anos, o cabelo a começar a recuar, a cintura a começar a expandir-se, o ego maior do que todo o centro da cidade.

Afastou-se com um ar altivo, voltando à canção pelo caminho. Do outro lado da sala, ouvia-se outra pessoa a cantarolar. Juliet não ergueu o olhar. Se o fizesse de cada vez que algum idiota lhe cantava aqueles versos, ficaria com um torcicolo gigante.

Era uma canção famosa, escrita e cantada por um homem famoso — um homem que ela amara estupidamente em tempos, que talvez ainda amasse, um homem que atualmente se encontrava nu numa cama em Wonderland, exatamente onde ela o deixara. A canção era sobre ela.

Contudo, pior do que isso, surgira uma notícia no ano anterior. A notícia que a assombrava. O *Daily Mirror*, o *Daily Express*, *The Sun*, o *Evening Standard* — os tabloides britânicos noticiaram alegremente a apreensão de droga feita ao Músico e aos outros elementos da banda.

Era o primeiro dia de janeiro. Os rapazes estavam na sua propriedade em Surrey, a maior parte deles a tripar com ácido. Juliet passara por lá, encontrara o Músico e fora com ele para um dos quartos. Quando ouvira o som de um carro lá fora, de alguém a tocar à campainha, enrolara-se num tapete de pele, a primeira coisa que conseguira encontrar para se cobrir, e fora abrir a porta. Estava à espera de dar de caras com uma das outras namoradas. Em vez disso, deparara com a polícia.

Houve uma detenção e um julgamento, mas era dela que toda a gente se recordava. Juliet Dunne, a namorada do Músico. A Rapariga do Tapete de Pele. Foi o momento mais baixo da sua vida. Naquele instante, tornou-se tudo aquilo que detestava.

Um símbolo. Um troféu. Uma *groupie*. Uma rapariga numa longa fila de raparigas. E, agora, uma anedota internacional. Se ia viver a sua vida com um rótulo, queria que fosse um escolhido por si.

Uma figura imponente deixou-se cair sobre a secretária dela, quase derrubando a caneca de café. Boyd Hartley, chefe de redação, com as mãos serenamente cruzadas sobre uma perna.

— Em que ponto estamos com *Os Newmans*? — Hartley lançava-se sempre de cabeça, como se os dois já estivessem a meio de uma conversa. Referia-se ao seu último trabalho, que vinha na sequência de um artigo que ela escrevera sobre a proliferação de ligas femininas de *bowling* no Sul.

— Estava a pensar — disse ela, mudando cuidadosamente a caneca para o outro lado da secretária. O seu instinto foi sempre tratá-lo por *senhor*, mas a redação era um lugar informal, se bem que frenético, onde os homens gritavam frequentemente uns com os outros de um lado para o outro da sala, atirando cinzas de cigarro para o chão quando estavam absortos numa história ou num prazo, incapazes de usar um cinzeiro. — Gostava de escrever um artigo sobre a pílula. É a forma mais popular de contraceção reversível, cerca de 2,3 milhões de mulheres tomam-na, mas só pode ser prescrita a mulheres casadas com a autorização dos maridos. E há uma mulher. Sessenta e quatro anos. Estelle Griswold...

Hartley levantou a mão, sinal de que ela estava prestes a ser interrompida.

Juliet apressou-se a acrescentar:

— A brigada de aborto da polícia de Los Angeles está em ação há treze anos. Cinco inspetores e um tenente. Vão à paisana deter indivíduos que participam em redes de aborto. As mulheres são obrigadas a testemunhar contra os médicos que, em muitos casos, lhes salvaram a vida. — O controlo da natalidade era o assunto que mais a apaixonava, as mulheres terem direitos sobre o seu próprio corpo, mas tinha sempre outras ideias prontas quando a

atenção de Hartley se desviava, como estava a acontecer agora.
— Ou talvez um artigo sobre a Fundação de Pesquisa em Biologia Reprodutiva em...

— Juliet...

— Eu podia falar com a Betty Friedan. Ela está a trabalhar numa sequência de *A Mística Feminina*.

— Juliet, chega.

Fora Boyd Hartley quem conduzira a entrevista inicial quando ela se candidatara ao *LA Times*. Na altura, era editor da Página Feminina, e, quando lhe perguntara porque queria escrever, ela respondera: «As palavras têm poder. São importantes. Não apenas para contar histórias, mas para dizer a verdade sobre o mundo que nos rodeia.»

Dissera mais, tudo sem ensaiar, de forma apaixonada e sentida.

Boyd Hartley, havia que reconhecê-lo, ouvira tudo. Depois perguntara-lhe: «Acha que consegue ser objetiva? Afinal, o trabalho de um jornalista é contar os dois lados da história.»

Ela fora sincera. «Sim. E não. Será que me quero pôr na pele de um misógino que maltrata as mulheres ou de um fanático que marcha com o Klan? Não. Acredito que a maior parte das pessoas que magoam outras pessoas estão elas próprias magoadas. Posso sentir empatia. Mas também acredito que há pessoas neste mundo que não merecem contar a sua versão da história.»

Ele não falara durante muito tempo, e Juliet julgara que o perdera. Mas, finalmente, ele acenara com a cabeça, batera uma vez com os nós dos dedos na secretária e dissera: «Concordo. Prometo que nunca lhe irei pedir para o fazer.»

Agora, três anos depois, sentado à sua secretária, Boyd Hartley olhava-a como a olhara na altura.

— Acho que, por agora — começou —, é melhor escreveres o artigo sobre a Dinah Newman. Já fizeste a entrevista?

Juliet afundou-se um pouco na cadeira.

— Vou encontrar-me com ela esta noite. Em casa dela.

Os Newmans era uma daquelas *sitcoms* familiares comuns que restavam dos anos 1950, antiquadas e conservadoras. Todas as mulheres eram tão comuns como os próprios programas. Santas de avental, que se ocupavam das suas cozinhas brilhantes, sempre cheias de paciência e amor — e, ocasionalmente, uma palavra terna de aconselhamento — para as suas famílias. Juliet crescera a ver aquilo. Vira todos os malditos episódios.

Hartley acenou com a cabeça.

— Muito bem — disse. — Excelente.

— O Walter Kerr acabou de os criticar no *New York Times*. Acha que eles são irrelevantes.

— E o que pensa a Juliet Dunne?

Ela não respondeu, porque tanto concordava como discordava de Kerr. Em vez disso, pestanejou na direção de Hartley. *Sorri, mas não de forma muito aberta, para que ele não pense que estás ansiosa por agradar. Mostra-te séria, mas não muito séria, para que ele não pense que és uma cabra ou, pior, uma falsa.* Era cansativo ter de controlar constantemente o rosto.

Hartley acenou com a cabeça, bateu uma vez na secretária — como fizera três anos antes — e deixou-a. Ela ficou a vê-lo regressar ao seu gabinete, um homem gracioso com uma cabeça cheia de cabelos brancos. Quando a descrição dela num tapete de pele fizera manchetes no ano anterior, ele não pestanejara. Nem o mencionara. Ela ficara aterrorizada com a possibilidade de ser despedida, mas isso era outra coisa em relação a Hartley — lá no fundo, ele era pouco convencional. Supervisionava uma das agências jornalísticas mais movimentadas do país, mas vagueava calmamente por todo o lado como um *cowboy* de um filme antigo.

Durante a reunião de redação, que durou uma hora, Juliet tomou notas porque Marcia, a estenógrafa, estava doente. Depois, foi ter com a sua amiga Renee à fotocopiadora para que ela fizesse cópias das notas para todos os homens do escritório. Iria distribuí-las,

secretária após secretária, e esses homens — os seus colegas — diriam: «Obrigado, querida» ou «Obrigado, miúda» — se é que chegavam a agradecer.

Quando a fotocopiadora começou a zumbir, Juliet perguntou a Renee se costumava ver *Os Newmans*. Aos vinte e cinco anos, Renee Otero ainda se encontrava na secção de datilografia. Se tinha inveja de Juliet por estar a subir e a sair dali, nunca o deixara transparecer.

Assobiou.

— Aquele irmão mais velho é giro. Sabes, bonito como um médico de família ou, tipo, o pai de uma amiga. Tem uma... solidez. — Suspirou. Renee adorava homens sólidos, especialmente Gregory Peck e Sidney Poitier. A mãe era negra, o pai, cubano, e Renee crescera em San Diego. Tinha mais de um metro e oitenta e, como se a sua altura não a fizesse sobressair o suficiente, vestia-se sempre com cores vivas, roupas que ela própria desenhava e costurava. Nesse dia, envergava um minivestido amarelo sem mangas, meias com costuras fúcsia e sapatos de salto alto vermelho-cereja. À volta do pescoço, num nó vistoso, estava um lenço com flores cor de laranja e cor-de-rosa. — Foi isso que o Hartley te pediu para cobrires?

Juliet assentiu com a cabeça.

— Pelo menos não é o Beverly Hills Women's Club — disse Renee. — Estás a subir na vida.

Contudo, enquanto Juliet tirava a folha da fotocopiadora e a organizava com as restantes, uma pilha atrás da outra, umas cinquenta ao todo, pensou: *Estou destinada a mais do que isto.*

Uma história divertida e emocionante sobre as vidas duplas que todos levamos — porque, mesmo quando as nossas vidas não são transmitidas na televisão, todos temos os nossos bastidores.

Durante duas décadas, os Newmans reinaram na televisão como a família predileta da América, interpretando versões impecáveis de si mesmos. Mas agora, em plenos anos sessenta, a perfeição desta família parece desfasada da realidade. As audiências estão em queda livre, assim como os próprios Newmans.

Quando Del Newman — o criador do programa — sofre um misterioso acidente, Dinah, a mulher, assume o controlo da situação e contrata Juliet Dunne, uma jovem repórter audaz, para a ajudar a escrever o episódio final. Mas Dinah e Juliet têm perspetivas diferentes sobre o que significa ser mulher e ser uma família em 1964, altura em que o país ferve com mudanças sociais e em que o debate em torno da pílula põe em causa quem decide sobre o corpo das mulheres, a sua liberdade e o seu futuro. Entre o que se mostra ao mundo e o que se vive em privado, o contexto histórico entra pela sala de estar e transforma cada escolha num ato político.

Conseguirão os Newmans reerguer-se para mudar a história da televisão? Ou serão cancelados antes de terem essa oportunidade?

«Uma história comovente, encantadora e envolvente que irá ressoar nestes tempos de mudança.»

BOOKLIST



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

   penguinlivros

ISBN: 978-989-583-635-2



9 789895 836352